

Temas Livres

Religião, Sexo e Cor/Raça: nuances do efeito da identidade evangélica sobre o voto em Bolsonaro em 2018

DOI: <https://doi.org/10.31990/agenda.2022.3.7>

 **Matheus Gomes Mendonça Ferreira**

Bolsista de Pós-Doutorado na UFSC (FAPESC - CNPq). Doutor em Ciência Política pela UFMG e pesquisador do Centro de Estudos do Comportamento Político (CECOMP - UFMG) e do Núcleo Interdisciplinar de Políticas Públicas (NIPP - UFSC).

E-mail: ferreira.dcp@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3037-9309>

165

RESUMO: O objetivo do artigo é examinar a interação entre religião, sexo e cor/raça num modelo que investiga o voto em Bolsonaro. Almeja-se compreender o que acontece com o efeito da identidade evangélica quando se considera outras características sociais do eleitor, que foram identificadas como variáveis negativamente associadas ao voto em Bolsonaro. Utilizando dados do ESEB 2018, a escolha dessas variáveis foi orientada tanto pela literatura sobre efeitos heterogêneos, quanto pelo contexto eleitoral de 2018. Os resultados do trabalho, alcançados por meio de regressões logísticas binomiais (*glm*), rejeitam a hipótese de que a identidade evangélica blinda o fiel das influências que vem de outras fontes sociais, como sexo e cor. Conclui-se que entre as evangélicas pretas houve a menor probabilidade de votar em Bolsonaro em 2018. Como os modelos controlam pelo efeito de variáveis econômicas, uma das explicações para o resultado apontado é que há mecanismos relacionados à cor e ao sexo (identidade de gênero e raça) dos fiéis que mitigam o voto naquele candidato.

PALAVRAS-CHAVE: Religião; Eleição; Identidade.

Recebido em: 06/09/2022

Aprovado em: 13/07/2023



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

1 Introdução

Neste trabalho serão analisados os efeitos da identidade religiosa evangélica moderados por sexo e cor/raça sobre o voto em Bolsonaro na eleição de 1º turno em 2018. A questão de pesquisa é: qual a força do efeito da identidade evangélica sobre o voto em Bolsonaro? Dado que pesquisas anteriores (FERREIRA e FUKS, 2021; LAYTON et al., 2021; AMARAL, 2020) já demonstraram que a identidade evangélica importa para o voto em Bolsonaro, este artigo questiona se esse efeito, já encontrado, mantém sua direção e magnitude quando interagido com outras variáveis (também identitárias), associadas ao voto em Haddad, tais como ser mulher e não branco (LAYTON et al., 2021). Portanto, de forma mais detalhada, o artigo tenta responder se a probabilidade de ter votado em Bolsonaro é menor entre as evangélicas e entre as evangélicas pretas e pardas. A hipótese é que a identidade evangélica resiste às pressões cruzadas, uma vez que identidades de gênero e raça são esvaziados ou mitigadas dentro do campo religioso evangélico, prevalecendo a identidade do “irmão”. Para responder essa questão e testar a hipótese, o artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira parte serão expostas as questões de pesquisa e hipóteses teoricamente fundamentadas. Posteriormente, serão apresentados os dados que permitem testá-las, seguido pelos modelos de análise, os resultados e discussão e a conclusão.

166

O debate sobre efeitos heterogêneos marcados por outras características sociais, tais como sexo e cor/raça, permite compreender a relação entre fatores religiosos e não religiosos e seus efeitos sobre o voto em 2018. Tais características (sexo e cor/raça) são anteriores a própria formação da identidade religiosa, mas seu impacto sobre o voto, entre os evangélicos, pode estar relacionado com o próprio campo religioso.

Dessa forma, o interesse nesse artigo é examinar a interação entre religião, sexo e cor/raça num modelo que investiga o voto em Bolsonaro. Almeja-se saber o que acontece com o efeito da identidade evangélica quando consideradas outras características sociais do eleitor. A escolha dessas variáveis foi orientada tanto pela literatura sobre efeitos heterogêneos, quanto pelo contexto eleitoral de 2018.

Os resultados do trabalho rejeitam a hipótese de que a identidade evangélica blinda o fiel das influências que vem de outras fontes sociais, como sexo e cor. Descobriu-se que entre as evangélicas pretas há menor probabilidade de votar em Bolsonaro. Como os modelos controlam pelo efeito de variáveis econômicas, uma das explicações para o resultado apontado é que há mecanismos relacionados à cor e ao sexo dos fiéis que mitigam o voto naquele candidato.

2 Debate teórico

Na tentativa de explicar o voto, é comum os pesquisadores buscarem padrões de comportamento eleitoral em função de diferenças sociais, configurando clivagens eleitorais. A análise sobre clivagens foi amplamente difundida pela obra de Lipset e Rokkan (1967). Os autores sustentaram que o partidarismo e o voto estão associados às estruturas sociais anteriores à formação dos sistemas partidários nas democracias. Por exemplo, países onde conflitos étnico-religiosos constituem a divisão mais relevante da sociedade, espera-se que os principais partidos representem os interesses e valores dessa diversidade étnica.

Contudo, é importante enfatizar que clivagens podem surgir a partir da combinação dessas características. Estudos sobre as eleições estadunidenses demonstram que o voto do grupo conhecido como *white evangelicals* está historicamente alinhado ao partido Republicano e que os *black evangelicals* estão alinhados ao partido Democrata (DeCANIO, 2007; ABRAMOWITZ e SAUNDERS, 2006; WILCOX e SIGELMAN, 2001; LAYMAN 1997). Nesse sentido, cor/raça e religião se combinam na formação das clivagens eleitorais.

Essa complexidade na relação entre identidades sociais foi objeto de investigação na obra seminal de Lazarsfeld, Berelson e Gaudet (1968). Ao conduzir o painel no Condado de Erie (*Erie County*, Ohio), os autores perceberam que a relação entre Católicos e o partido Democrata de um lado e Protestante e partido Republicano de outro, poderia ser espúria, uma vez que entre os Católicos havia pessoas com condições socioeconômicas mais baixas em relação aos Protestantes. Portanto, seria a economia e não a religião o fator explicativo. Porém, suas análises rejeitaram essa hipótese. Outras hipóteses foram testadas, como a que associa a questão da idade, mas que também foi rejeitada. Por fim, os autores desenvolveram um Índice de Predisposição Política (IPP) e concluíram que é a combinação de características sociais que determina as preferências políticas (LAZARSELD, BERELSON e GAUDET, 1968, p. 27).

Outra teoria, como a do partidarismo da Escola de Michigan (CAMPBELL et al., 1960) poderia ser mobilizada para enquadrar a questão de pesquisa deste artigo. Segundo seus autores, o partidarismo (vínculo psicológico a algum partido) é uma das principais fontes explicativas do voto e tem como alicerce as identidades sociais. Portanto, “grupos com uma associação coesa e identificada geralmente se identificam e votam em um partido em relação ao outro” (ZINGHER, 2021, n.p). Porém, há dois problemas com a mobilização dessa literatura para compreender o caso brasileiro. O primeiro é que o partidarismo não é algo difundido no eleitorado (SAMUELS e ZUCCO, 2018). Não há duas identidades partidárias positivas fortes no Brasil, mas apenas o petismo e o antipetismo

(SAMUELS e ZUCCO, 2018).¹ A outra é que essas identidades partidárias não estão historicamente alicerçadas em identidades sociais (GIMENES et al., 2016).

Na contramão dessas teorias, Dix (1989) afirma que, independentemente das divisões sociais históricas, a maioria dos países latino-americanos desenvolveram um tipo próprio de relação entre os partidos e os grupos sociais. Isso ocorre, segundo este autor, porque na América Latina o sistema partidário não foi caracterizado por clivagens culturais, étnicas e religiosas, embora haja algumas exceções, como Chile e Argentina (este último em menor intensidade).

Divergindo de Dix (1989), estudos recentes apontam para a existência de clivagens na América Latina (BOAS e SMITH, 2015; MAINWARING, TORCAL e SOMMA, 2015). Mainwaring, Torcal e Somma (2015) apontam para clivagens de classe, marcada pelo voto dos mais pobres em partidos de esquerda (e centro-esquerda). Esse padrão é muito forte nos anos 2000 em países como Brasil, Argentina, Bolívia, Guatemala, Peru e Venezuela, e fraco no Chile, República Dominicana, Equador, Honduras, Panamá e Uruguai. Boas e Smith (2015) encontraram que em alguns países da América Latina há clivagens marcadas por divisões entre grupos seculares e religiosos, em que o primeiro apresenta mais chance de votar em partidos de esquerda e o segundo em partidos de direita.

É importante ressaltar que o momento em que Dix escreve seu trabalho não é o mesmo do de Mainwaring e colaboradores e Boas e Smith. Contudo, há uma diferença teórica entre eles. Ao passo que Dix (1989) compreende as clivagens como fenômenos políticos espontâneos, Torcal e Mainwaring (2003) e Mainwaring, Torcal e Somma (2015) defendem que clivagens são flutuantes e que dependem da agência de partidos políticos. Logo, apesar de haver diferenças estruturadas na sociedade, para que isso se converta em conteúdo político é preciso haver oferta de candidatos ou partidos que politizam essas diferenças. Dessa forma, as clivagens passam a orbitar questões (*issues*) políticas (TORCAL e MAINWARING, 2003) e não mais identidades de grupo.

Aprofundando sobre o caso brasileiro, Soares (1982) e Soares e Silva (1987) identificam padrões de classe², raça³ e urbano/rural⁴ como fatores determinantes do voto mesmo no período do regime militar (1964-1985), chamando atenção para o fato de que os modelos interativos, que analisam os efeitos combinados de cor/raça (pardos) e urbanização, explicam melhor o voto do que um modelo aditivo (SOARES, 1982).

No período posterior a ditadura militar, estudos apontam que algumas características sociais surgem como boas predictoras do voto em mais de uma eleição. Entre elas, região, escolaridade

¹ Outros trabalhos, como de Fuks e colaboradores (2020) vem destacando a presença de antipartidários generalizados no eleitorado. Veja FUKS, Mario; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Julian. From Antipetismo to Generalized Antipartisanship: The Impact of Rejection of Political Parties on the 2018. *Brazilian Political Science Review*, v. 15, 2020.

² Esse padrão esteve presente na disputa entre Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e Aliança Renovadora Nacional (Arena). Ao passo que o MDB era o partido dos mais pobres, a ARENA era dos mais ricos. Ainda, Soares (1982) aponta para clivagens de gênero, sendo as mulheres as principais eleitoras do MDB.

³ O voto das pessoas negras nas eleições de 1960 esteve alinhado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mesmo após controlar seu efeito por classe social e os pardos alinhados a Leonel Brizola (PDT) nas eleições de 1982 no Rio de Janeiro.

⁴ Sendo o MDB o mais votado nos centros urbanos e a Arena nas áreas rurais.

(NICOLAU, 2014) e pertencimento de classe (HOLZHACKER E BALBACHEVSKY, 2007; SINGER, 2009). Além desses estudos, vem crescendo o número de pesquisas que se dedicam a compreender o papel da religião no comportamento eleitoral, apontando para a importância da identidade religiosa para o voto em 2018 (FERREIRA, FUKS, 2021) e em eleições anteriores (SILVA, 2019; NICOLAU, 2014). De forma mais sistemática, o trabalho de Silva (2019) mostra que desde 2002 há uma rejeição do eleitorado pentecostal aos candidatos do PT.

Apesar dessa rejeição entre os pentecostais, não houve um partido que concentrasse o voto desse grupo. Tal constatação é importante ao se levar em conta países cujo sistema partidário permite a oferta de muitos partidos e em que as identidades partidárias não estão enraizadas na opinião pública. No Brasil, apenas o petismo e o antipetismo (e o antipartidarismo) se apresentam como uma forte identidade política (SAMUELS e ZUCCO, 2018). Portanto, para o contexto brasileiro, as divisões no eleitorado ocorrem em função de apenas um partido (PT).

Considerando tais diferenças, marcadas por identidades sociais, que aparecem como preditoras do voto, não é possível afirmar que, entre o período da redemocratização e as eleições de 2018, houve a politização, por parte da elite política, dessas identidades. Mesmo Lula e o PT, que conquistaram a maioria do eleitorado de baixa renda, optaram por não politizar as diferenças de classe durante as eleições e em seus mandatos. A agenda conciliadora era a marca da política lulo-petista. Soma-se a isso o achado de Oliveira e Turgeon (2015), que concluem pela não diferença significativa entre eleitores que se consideram de direita e esquerda (medida simbólica de ideologia) quando analisadas suas posições em relações a *issues* (medida operacional de ideologia). No nível das elites, Zucco Jr. (2011) conclui há uma convergência ao centro ideológico por parte do PT e PSDB, dos dois partidos que disputaram a presidência entre 1994 e 2014.

169

Por que então trazer o debate sobre clivagens para examinar as eleições de 2018? O argumento do artigo é que a polarização, um processo eleitoral marcado por fortes posicionamentos em relação à *issues* políticos e o discurso de guerra cultural (SMITH, 2019) de lideranças evangélicas – que cria um imaginário de ameaça aos cristãos – favorecem o surgimento de divisões entre grupos sociais, pautadas pela religião. Nessa emergente clivagem, Bolsonaro surge como um candidato que consegue reunir o eleitorado mais conservador, principalmente entre os evangélicos.

Nas eleições 2018 no Brasil, as pesquisas convergem ao afirmar que a identidade evangélica⁵ prediz o voto em Bolsonaro (LAYTON et al., 2021; RENNÓ, 2020; ALMEIDA e GUARNIERI, 2020; AMARAL, 2020; FERREIRA e FUKS, 2021; GUEDES-NETO, 2020; NICOLAU, 2020), assim como gênero, raça, renda, idade e escolaridade (LAYTON et al., 2021; ALMEIDA e GUARNIERI, 2020; NICOLAU, 2020).

O trabalho de Layton et al. (2021) aponta para o (re) surgimento de clivagens demográficas no eleitorado em 2018, principalmente marcadas por diferenças religiosas, de gênero e étnicas. De acordo

⁵ Algumas pesquisas utilizam a categoria evangélica ou protestante para tratar dos evangélicos de maneira geral. Outras utilizam apenas os Pentecostal, subgrupo evangélico.

com os autores, ser mulher ou não branco afeta negativamente a probabilidade de votar em Bolsonaro, ao passo que ser evangélico (protestante e pentecostal) aumenta significativamente a chance de votar no candidato. Se por um lado o elo entre os evangélicos e Bolsonaro é explicado por uma “afinidade conservadora” (NICOLAU, 2020; GUEDES- NETO, 2020; LAYTON et al., 2021), por outro, há maior rejeição de mulheres e não brancos ao candidato. Portanto, é importante questionar sobre como seria o comportamento eleitoral de evangélicas, evangélicas não brancas e evangélicos não brancos.

Mais recentemente, pesquisas de opinião pública que foram a campo em 2022 (ano de disputa presidencial) mostraram como a principal base de apoio de Bolsonaro se dá entre os evangélicos e que, entre as mulheres é que esse candidato recebe menos votos.⁶ Tal quadro é um indício de que clivagens eleitorais vem se consolidando no eleitorado brasileiro desde 2018.

O fato de ser mulher estar associado negativamente ao voto em Bolsonaro pode ser explicado pela rejeição à retórica misógina que o candidato apresentou ao longo de sua carreira parlamentar e principalmente durante sua campanha, sendo esse tema explorado pelos partidos de oposição⁷. Nessa direção, é importante destacar que Matos e Pinheiro (2010), analisando dados de 2010, encontraram que mulheres são menos conservadoras e mais destradicionalizadas do que os homens.

Antes e durante as eleições, Bolsonaro foi um candidato apoiado majoritariamente por homens, sendo tal público quem o acompanhava em aeroportos e nas manifestações (NICOLAU, 2020).⁸ A tabela abaixo apresenta alguns trechos que retratam a misoginia dos discursos de Bolsonaro ao longo de sua carreira política.

Quadro 1—Trechos dos discursos de Bolsonaro

Fonte	Trecho
Entrevista de Bolsonaro ao Zero Hora, em dezembro de 2014	“Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? “Poxa, essa mulher tá com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade...” Bonito pra c..., pra c...! Quem que vai pagar a conta? O empregador. No final, ele abate no INSS, mas quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias, ou seja, ela trabalhou cinco meses em um ano”
Bolsoanro em palestra no Clube Hebraica, em 2018	“Eu tenho cinco filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”

⁶ O relatório da pesquisa Geial/Quaest pode ser acessado pelo link: <<http://blog.quaest.com.br/9a-rodada-da-pesquisa-genial-quaest-aponta-tendencia-de-melhora-nas-condicoes-politicas-de-bolsonaro/>>.

⁷ Em vários momentos Bolsonaro se mostrou misógino. A agressão à deputada Maria do Rosário (PT-RS) é um entre vários episódios misóginos do atual presidente. Outros episódios polêmicos de Bolsonaro podem ser encontrados em Bachi (2020).

⁸ Nicolau (2020) chama atenção para o atentado que Bolsonaro sofreu em Juiz de Fora, apontando que sua caminha pela rua Halfeld contava com a presença majoritariamente masculina.

Quadro 1 – Trechos dos discursos de Bolsonaro (Cont.)

Bolsonaro em discurso na Câmara, em 2003	“Fica aí, Maria do Rosário, fica. Há poucos dias, tu me chamou de estuprador, no Salão Verde, e eu falei que não ia estuprar você porque você não merece. Fica aqui pra ouvir. (...) Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”
--	---

Fonte: Bachi (2020).

Além disso, ao final do período de campanha do primeiro turno de 2018, houve forte mobilização de movimentos feministas contra Bolsonaro, sendo a marcha do dia 30 de setembro de 2018 um marco da oposição de mulheres ao candidato. Porém, não se sabe ao certo como esses movimentos ressoaram entre as mulheres evangélicas. Uma vez que pautas sobre gênero e sexualidade são as mais criticadas pelos segmentos evangélicos e católicos, é preciso questionar se tais movimentos foram recebidos negativamente entre as mulheres evangélicas, aumentando a chance de vitória de Bolsonaro dentro desse grupo. Diante desse contexto, será que as evangélicas apresentam menor probabilidade de votar em Bolsonaro do que os evangélicos (questão 1)?

Atinente ao efeito negativo de ser negro (preto ou pardo) sobre o voto em Bolsonaro, destaca-se que, nas eleições, também houve várias falas do Bolsonaro consideradas racistas. Segundo Bachi (2020), a fala do então candidato no Clube Hebraica é um elemento chave para essa associação. Destaco também a fala do candidato no programa Roda Viva, em 2018.

Quadro 2 – Trechos dos discursos de Bolsonaro

Fonte	Trecho
Bolsonaro em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017	“Eu fui num quilombola em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gastado com eles”
Bolsonaro em debate no Programa Roda Viva em 2018	“Que dívida? Eu nunca escravizei ninguém na minha vida” [...] “É justo a minha filha ser cotista? O negro não é melhor do que eu, e nem eu sou melhor do que o negro. Na Academia Militar das Agulhas Negras, vários negros se formaram comigo. Alguns abaixo de mim, alguns acima de mim, sem problema nenhum. Por que cotas?” [...] “se for ver a história realmente, os portugueses nem pisavam na África, eram os próprios negros que entregavam os escravos”

Fonte: Bachi (2020).

Embora haja movimentos negros entre os evangélicos, Reina (2017) expõe as dificuldades de se trabalhar a identidade negra dentro de grupos pentecostais, uma vez que reclamar essa identidade ou sua etnicidade e historicidade significa tocar em uma ancestralidade não evangélica. Oro (1997), ao

analisar as violências⁹ cometidas por grupos neopentecostais¹⁰ contra religiões de matriz africana, mostra que não há uma negação das entidades afro-brasileiras, mas uma resignificação destas, sendo representadas como manifestações do "diabo". Tal lógica não apaga o passado, segundo Oro (1997), mas o "demoniza". Nesse sentido, o autor conclui que o afro-brasileiro representa a "alteridade radical", que contribui para a construção da identidade religiosa neopentecostal. Dessa forma, a problemática do racismo nos discursos de Bolsonaro pode ter efeito reduzido entre os evangélicos, devido a essa dificuldade de se promover uma maior conscientização política com base em temas raciais.

Outro ponto explorado por Reina (2017) é o fato de que entre os evangélicos brasileiros é comum uma "liturgia universalista", que reivindica uma unidade identitária sobre a pluralidade de identidades sociais. A autora enfatiza que essa é uma característica do protestantismo no Brasil e cita o caso dos *black evangelicals* nos Estados Unidos para mostrar uma outra história dessa relação entre negritude e evangélicos. Diante desse contexto, teriam os evangélicos negros (pretos ou pardos) menor probabilidade de votar em Bolsonaro do que os evangélicos brancos (questão 2)?

A terceira questão, que combina as duas anteriores, é: a probabilidade de as evangélicas negras votarem em Bolsonaro é menor do que os demais grupos? Ao fazer isso, adiciona-se maior complexidade à análise, uma vez que serão analisadas três camadas de identidades e o efeito sobre o voto.

Ao pensar esse tipo de análise para a eleição brasileira de 2018, as conclusões encontradas pela literatura foram que evangélicos e homens têm mais chance de votar em Bolsonaro, enquanto mulheres e os não brancos apresentaram menores probabilidades. Mas, o que acontece quando interagimos essas características? Como se dá o voto em Bolsonaro entre os evangélicos considerando suas variações de cor/raça e gênero?

Este artigo sustenta a hipótese de que entre os evangélicos, ser mulher e/ou se considerar negro/a não afeta a probabilidade predita de ter votado em Bolsonaro¹¹. Por trás dessa expectativa reside o fato de que os evangélicos frequentam mais os cultos e reuniões de sua Igreja do que os demais grupos religiosos, portanto, estão mais expostos às mensagens políticas de suas lideranças religiosas e às pressões do grupo (McLAUGHLIN e WISE, 2014; DJUPE e GILBERT, 2008; BOHN, 2004). Dessa forma, a identidade evangélica seria resistente a fontes de "pressões cruzadas".

Além disso, Conover (1984, p. 762) defende que pertencimento objetivo a um grupo não afeta as atitudes políticas da mesma forma do que o senso psicológico de pertencimento. Ser uma eleitora de baixa renda não garante que ela tenha consciência de classe e vote conforme os interesses da classe

⁹ Alguns autores, como Mariano (1995), trabalham com a expressão "guerra espiritual" (MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. 1995. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo).

¹⁰ Segundo Oro (1997, p. 10), neopentecostalismo refere-se ao pentecostalismo de segunda e terceira onda, representado no Brasil principalmente pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e Igreja Deus é Amor.

¹¹ Em suma, trabalho com três hipóteses: H1) ser negro (preto ou pardo) não afeta negativamente o efeito de ser evangélico sobre o voto em Bolsonaro; H2) ser mulher não afeta negativamente o efeito da identidade evangélica em Bolsonaro e; H3) ser mulher negra não afeta negativamente o efeito da identidade evangélica sobre o voto em Bolsonaro.

trabalhadora. Da mesma forma, ser negro no Brasil ou ser mulher não é garantia de que os indivíduos participem de grupo feministas ou do movimento negro. Por outro lado, ser evangélico está associado a um forte comprometimento com a religião e engajamento nas atividades da Igreja, o que favorece este senso psicológico de pertencimento a identidade evangélica.

Bohn (2004, p. 249) destaca que as "diferentes denominações evangélicas se homogeneízam em torno da exigência de dedicação exclusiva aos cultos". Segundo a autora, a participação das autoridades religiosas evangélicas nas demais esferas da vida dos fiéis (para além dos espaços das igrejas) é algo marcante entre as diversas denominações evangélicas. Soma-se a essa quase onipresença o poder que as igrejas têm de criar laços de dependência, tecidos por redes de solidariedade, que se estruturam por meio de obras sociais e de caridade desse segmento religioso (ROSAS, 2014).

Nesse sentido, Mutz (2006) destaca que grupos, cujas dinâmicas tendem a ser voltadas para seu interior, tem menos chance de escutarem o "outro lado". Isso está por traz do fenômeno chamado de homofilia, que é uma característica de um grupo cujas atitudes e valores são muito parecidas. Essa homofilia é mais comum de ocorrer em grupos religiosos evangélicos, onde a religião é algo muito importante na vida dos fiéis e há vários grupos de socialização. Além disso, há um forte peso das lideranças religiosas nesse processo. Tais fatores ajudam a compreender o processo de ordenação social (*social sorting*) em curso no Brasil, como destacados por Guedes-Neto (2021) e Layton et al. (2021).

Por essa razão que identidades marcadas por sexo e cor/raça, que estão associadas negativamente a Bolsonaro, não teriam efeito sobre o papel da religião no voto naquele candidato. Isso porque os grupos religiosos evangélicos são eficazes em fazer com que tais identidades (ser mulher, ser preto, por exemplo), não se sobressaiam a identidade religiosa (ser evangélico). Logo, na hora do voto, essas eleitoras não avaliariam negativamente a heurística associada às questões de gênero e racial do candidato, mas apenas as pistas de que ele é um membro daquele grupo religioso (evangélico).

173

3 Dados

Para a análise, serão utilizados os dados do CESOP. O banco representa a quinta onda de pesquisa eleitoral, tendo início em 2002. Os surveys foram conduzidos em 2018 no Brasil, logo após as eleições, de maneira domiciliar e face-a-face. Contabilizam 2.506 respondentes, cuja idade mínima é 16 anos, de 172 municípios e de 27 estados. É importante destacar que a amostra é representativa da população e das cinco regiões: Norte; Centro-Oeste; Nordeste; Sudeste e Sul. As cotas foram distribuídas conforme "sexo", "escolaridade", "número de banheiros no domicílio", "ramo de atividade feminino" e "ramo de atividade masculino". A margem de erro amostral é de 2,2% e 95% de intervalo de confiança¹².

¹² Retirado do site oficial do CSES: <<https://ceses.org/>>. Para acessar a metodologia do processo de coleta de dados, acesse: <https://www.cesop.unicamp.br/vw/1IMr0S60wNQ_MDA_1c51c_/met_04622.pdf>.

A variável dependente será o voto em Bolsonaro. A variável será construída em sua forma binária, sendo 1 o valor referente ao voto em Bolsonaro e 0 o não voto naquele candidato. Embora eleições de primeiro turno no Brasil ofereçam muitos candidatos, sugerindo o uso de uma variável multinomial, optou-se pelo recorte binário uma vez que: i) a literatura apresenta resultados de uma forte associação entre a identidade evangélica e o voto em Bolsonaro e; ii) mesmo tendo a oferta de muitos candidatos, há uma grande concentração de votos em apenas dois candidatos (Bolsonaro e Haddad).

Com relação a variável explicativa chave (identidade religiosa), será utilizada a identidade evangélica para concentrar, em uma categoria, toda a diversidade existente nesse campo religioso (marcada por diferentes denominações). Compreende-se que isso restringe as diferenças dos efeitos para cada denominação evangélica (pentecostais, neopentecostais, tradicionais, etc.). Com isso, o objetivo não é explorar as diversidades associadas a características religiosas, mas compreender a relação entre elementos religiosos e não religiosos (como sexo e cor/raça).

Por outro lado, para testar as hipóteses de efeitos heterogêneos (interação entre as variáveis), agrupar tais denominações em uma única categoria ajuda a melhorar a precisão do efeito dessa variável, uma vez que categorias com números amostrais pequenos tendem a gerar erros padrões maiores. Teoricamente, também não é esperado que haja denominações evangélicas que tenham optado por outro candidato que não Bolsonaro. Na literatura, não há um histórico de votos (no primeiro turno) desse grupo religioso em algum candidato de partidos tradicionais, como PT e PSDB.

174

As variáveis moderadoras dos modelos serão sexo e/ou cor/raça. Sexo é uma variável binária, sendo o sexo feminino a categoria de referência. Cor é uma variável multinomial, cujas categorias são: brancos, pretos, pardos e outras. Raça é uma variável binária que tem como categorias brancos e não brancos (referência). Como controles estatísticos, serão utilizadas as variáveis como idade, escolaridade, região e faixa de renda. Ao controlar por variáveis econômicas, será produzido o efeito da interação entre religião, cor/raça e sexo mantendo constante essas demais variáveis. Feito isso, será possível observar se cor/raça ou sexo ponderam o efeito do voto evangélico em Bolsonaro de forma independente das variáveis econômicas.

Uma vez que, tanto raça/cor e sexo estão correlacionados com a situação econômica das pessoas e sua participação no PBF (CARMARGO et al. 2013), pode ser que a existência de heterogeneidades marcadas por raça/cor e sexo se devam a questões econômicas e não a questões de identidade de gênero e cor/raça.

4 Metodologia

Para testar a hipótese de que não há heterogeneidade no efeito da identidade religiosa sobre o voto em Bolsonaro, moderado por sexo e cor/raça, serão estimados modelos de regressão logística binomial (*glm*). O primeiro modelo estima o efeito direto da identidade religiosa (IR) sobre o voto em

Bolsonaro, controlado por um conjunto de covariáveis sociodemográficas que estão associadas tanto à variável independente chave (IR) quanto à variável dependente (voto).

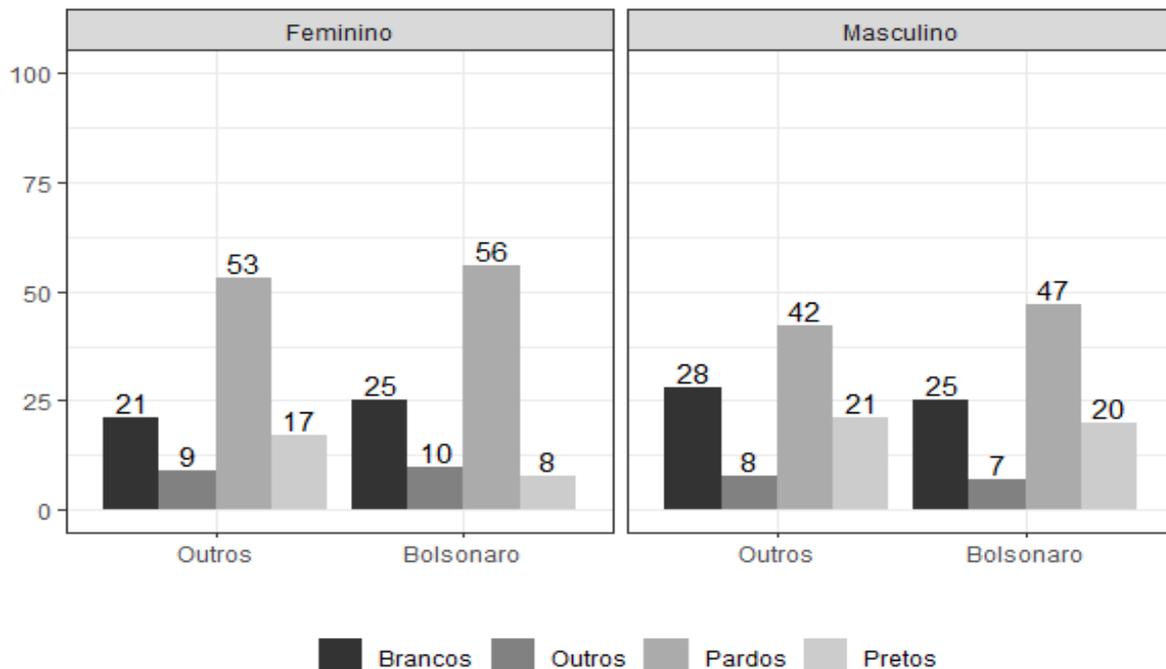
O segundo, o terceiro e o quarto modelo estimam os efeitos da IR sobre o voto interagindo com sexo, cor/raça e sexo juntamente com cor/raça. A formalização dos modelos se encontra no Anexo. Como teste de robustez, foi produzido um modelo de regressão multinomial (em Anexo), estimando as chances de votar em algum outro candidato (ou ter votado branco ou nulo) tendo o voto em Bolsonaro como categoria de referência.

Para interpretar os resultados, optou-se por apresentar graficamente as probabilidades previstas dos modelos de interação e os coeficientes para o modelo sem interação e multinomial. Essa forma de apresentação dos dados evita compreensões equivocadas acerca da significância estatística dos estimadores das variáveis interagidas. Além disso, identificar a magnitude do efeito de estimadores por meio da tabela de regressão clássica não é algo simples quando se trata de modelos com termos interativos. Para se calcular o efeito de uma interação é preciso considerar mais de um resultado na tabela de regressão. Outro problema associado as interpretações de tabelas de regressão clássicas para modelos de efeitos heterogêneos são os resultados “falsos-positivos” (ESAREY e SUMNER, 2017). Em suma, os testes de significância estatística para modelos de efeitos heterogêneos não são “conservadores”.

5 Pré-teste

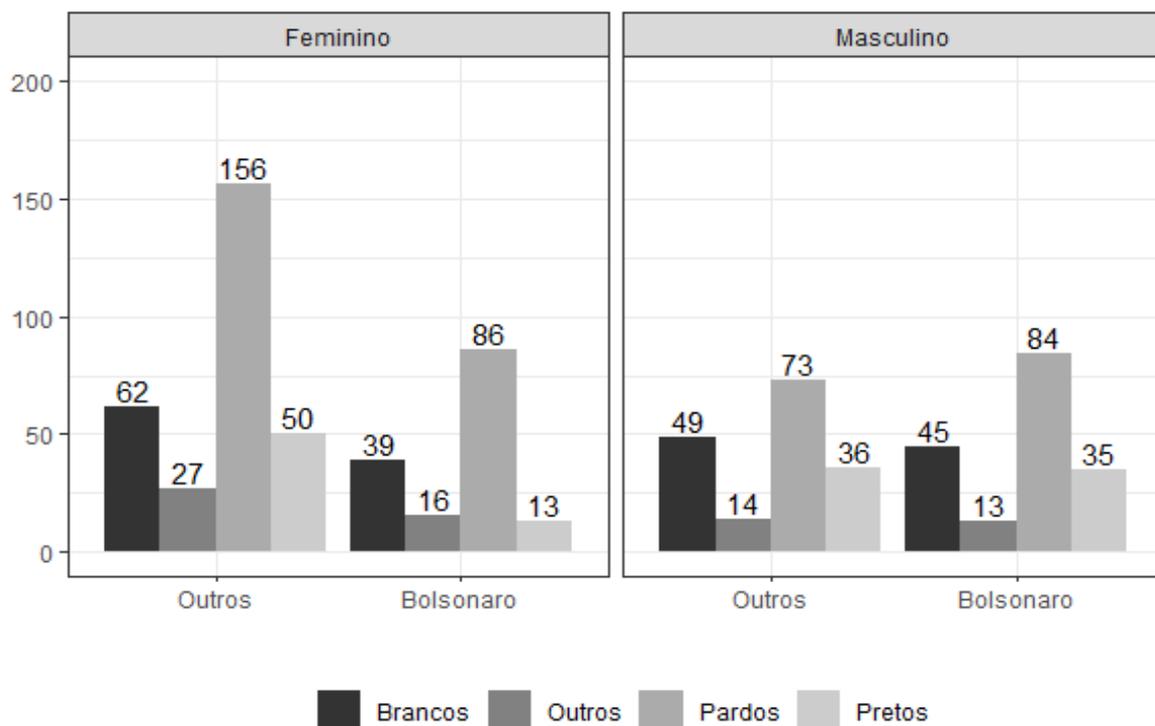
Modelos de regressão com efeitos heterogêneos é uma outra forma de se representar regressões com técnica de subamostragem. Quando se interage uma variável independente chave com uma variável moderadora binária (Z), o que se faz é aplicar um modelo de regressão quando $Z = 0$ e depois para $Z = 1$ (ESAREY e SUMNER, 2017). Em uma interação tripla, essa subamostragem é maior, podendo afetar o suposto do suporte comum (*common support*). Segundo Hainmueller e colaboradores (2019: 169), é preciso que haja uma quantidade suficiente de dados em todos os grupos para que seja possível estimar os efeitos marginais, embora não se defina que quantidade seja essa. Com relação aos dados utilizados neste artigo, esse problema pode ocorrer uma vez que é utilizada uma interação tripla, ou seja, um nível mais complexo de subamostragem. Portanto, antes de aplicar os modelos, a Figura 1 apresenta os dados, demonstrando que não há violação do suposto do suporte comum. Os dados se comportam de forma bem distribuída entre as categorias de interesse deste estudo. Na Figura 1 estão apresentadas as probabilidades de ocorrência para cada categoria e na Figura 2, as quantidades absolutas de casos.

Figura 1 – Probabilidade de votar em Bolsonaro por religião e cor



Fonte: ESEB (2018).

Figura 2 – Quantidade de votos em Bolsonaro por religião e cor

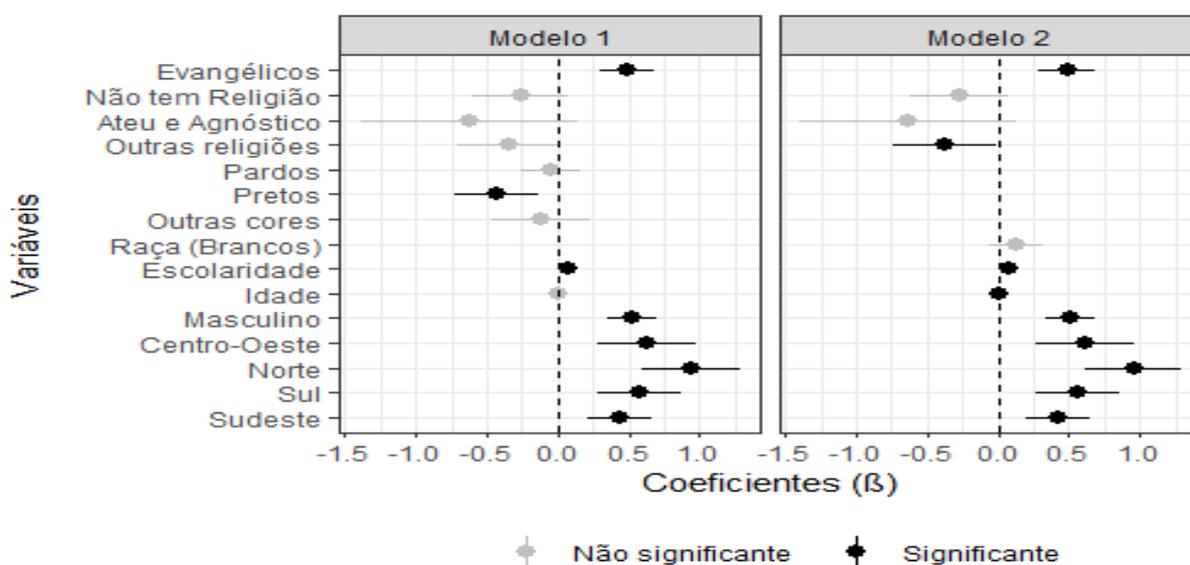


Fonte: ESEB (2018).

6 Resultados e discussão

Antes de apresentar os modelos com efeitos heterogêneos, é importante analisar uma regressão logística binomial multivariada para entender como a identidade religiosa e suas moderadoras se relacionam, de forma independente, com o voto em Bolsonaro. Em anexo, há um modelo que considera o efeito da identidade evangélica desagregado por denominações. Os resultados mostram que as diferentes denominações (com exceção dos neopentecostais), em relação aos Católicos, têm maior chance de ter declarado voto em Bolsonaro. Tal resultado é um teste de validação para se utilizar a identidade evangélica de forma agregada.

Figura 3 – Efeito de religião, cor e sexo sobre o voto em Bolsonaro (*glm*)



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Os resultados da Figura 3 apontam para uma associação positiva e significativa entre evangélicos e voto em Bolsonaro. Também há uma associação positiva entre ser do sexo masculino e ter votado em Bolsonaro. Por outro lado, a variável de raça (binária) não apresentou resultados estatisticamente significantes, ao passo que, quando se analisa a variável cor, ocorre uma associação negativa e significativa entre se declarar preto e votar em Bolsonaro. Portanto, é possível concluir que os evangélicos, em relação aos católicos, têm mais chance de ter votado em Bolsonaro do que ter optado por qualquer alternativa eleitoral. Também, os homens, em relação as mulheres, têm mais chance de terem votado naquele candidato. Por outro lado, as pessoas que se autodeclaram como pretos, em relação aos brancos, têm menos chances de terem votado em Bolsonaro.

Para testar a robustez desse modelo binomial, foi operacionalizado um modelo multinomial (em anexo, Figura 9) para comparar os resultados. Com isso é possível verificar se os resultados não são frutos de uma “dependência de modelo” (*model dependence*). No modelo multinomial, ser evangélico

aumenta a probabilidade de votar em Bolsonaro em relação a Haddad e Ciro, que são os dois candidatos mais votados depois de Bolsonaro. Isso corrobora com o efeito encontrado com o modelo binomial. Por outro lado, se autodeclarar preto é um diferencial apenas entre as chances de votar em Haddad e Bolsonaro. Haddad (em relação a) possui maior probabilidade de votos entre os que se autodeclararam pretos. Por fim, corroborando com o modelo binomial, ser do sexo masculino possui uma probabilidade maior de votar em Bolsonaro do que em qualquer outra categoria.

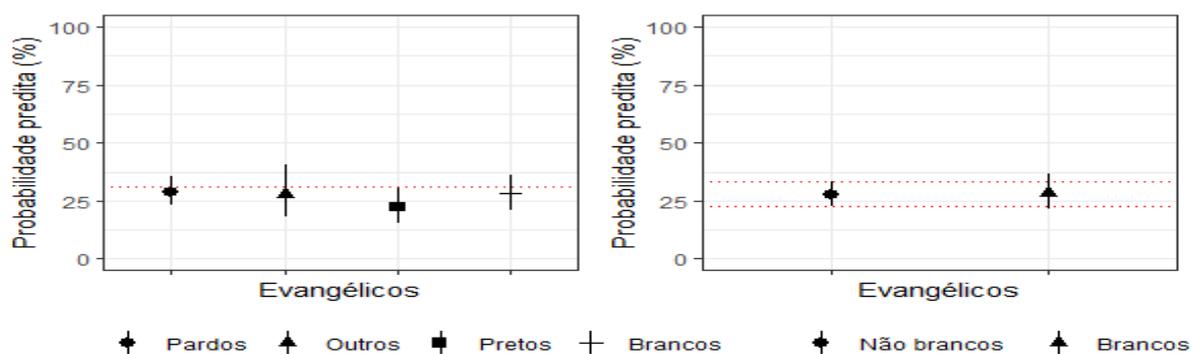
Com relação as variáveis regionais, elas mantêm seus efeitos quando analisamos o voto em Haddad e Ciro. Haddad e Ciro são candidatos com maior probabilidade de voto na região Nordeste. Quando consideramos a relação entre Outros Candidatos e Bolsonaro, apenas as regiões Norte e Sudeste importam. A primeira está negativamente associada ao voto em Outros candidatos, enquanto a segunda está positivamente associada. Isso mostra como um candidato de terceira via, que não seja Ciro, tem mais espaço na região Sudeste. Outra variável que apresentou resultados distintos foi a escolaridade. Pessoas com maior escolaridade possuem menor probabilidade de votar em Haddad e em Outros candidatos do que em Bolsonaro e maior probabilidade de votar em Ciro do que em Bolsonaro. Porém, os coeficientes negativos e positivos da escolaridade são muito próximos de 0.

Com relação a análise dos resultados do modelo com interação, optou-se por apresentar as probabilidades previstas pela simplicidade interpretativa e por evitar equívocos analíticos que podem decorrer da leitura da tabela de regressão que apresenta os coeficientes da interação, como já destacado anteriormente na sessão metodológica do trabalho.

178

Os resultados do gráfico 4 não permitem afirmar que há um efeito heterogêneo de religião evangélica e cor/raça para o voto em Bolsonaro. A probabilidade de votar em Bolsonaro entre evangélicos (e evangélicas) brancos e não brancos não são estatisticamente distintas. Por meio desse resultado seria possível confirmar a hipótese de que o efeito da identidade evangélica sobre o voto em Bolsonaro é forte o suficiente para ser afetada por outra variável (raça ou cor) que está mais associada ao voto em Haddad.

Figura 4 – Probabilidades previstas de votar em Bolsonaro por religião e raça e religião e cor



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Diferentemente dos resultados encontrados para a relação entre identidade evangélica e raça ou cor, o resultado da Figura 5 demonstra que há um efeito heterogêneo de religião evangélica e sexo para o voto em Bolsonaro. Evangélicas possuem uma probabilidade predita de votar em Bolsonaro menor do que os evangélicos. Esse achado corrobora com trabalhos que destacam que ser evangélico não significa pertencer a um grupo totalmente fechado, com capacidade de produzir consenso político, mas que também sofre pressões cruzadas vindas de outras fontes identitárias. Portanto, é possível pensar que, em uma eleição marcada por debates que discutiam o caráter misógeno de Bolsonaro, mensagens políticas dessa natureza podem ter chegado a grupos de mulheres evangélicas, afetando negativamente o voto neste candidato. Estudos revelam que mulheres, em relação aos homens, são menos conservadoras em questões como aborto, igualdade de gênero, entre outras. Em seu livro, Nicolau (2020) estabelece o elo entre evangélicos e Bolsonaro por meio do conservadorismo. Os resultados aqui encontrados colocam essa conexão em suspeição quando nos referimos as mulheres evangélicas.

Figura 5 – Probabilidades preditas de votar em Bolsonaro por religião e sexo

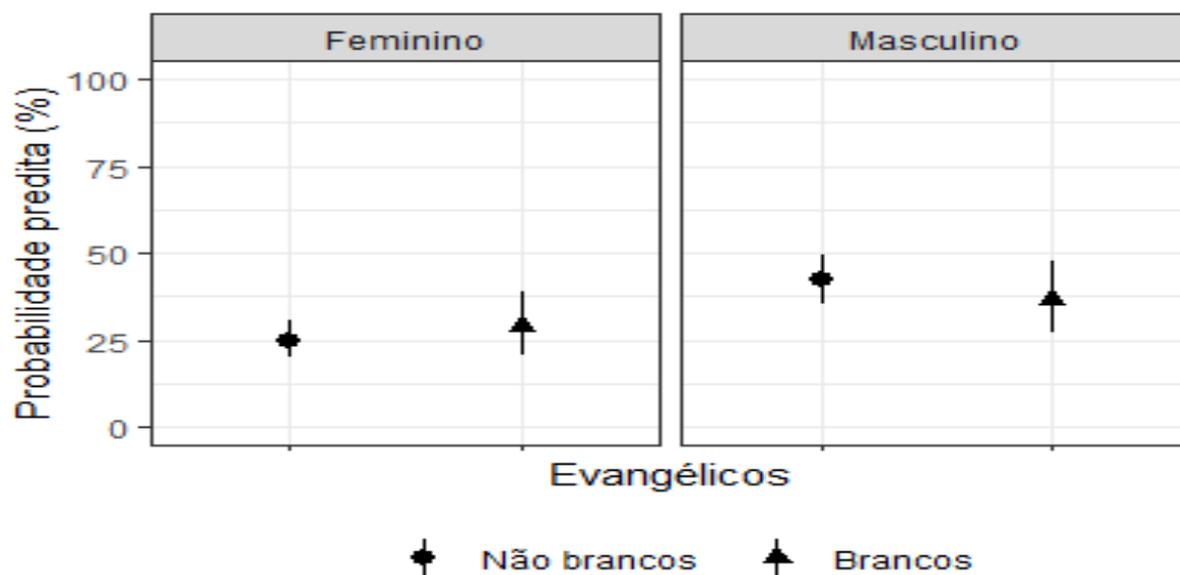


Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Considerando agora a intersecção entre identidade religiosa, sexo e cor (e outro modelo com raça), os dados revelam nuances distintas sobre a probabilidade de votar em Bolsonaro. O modelo que tem como condicionante do voto evangélico o sexo e a raça (brancos e não brancos), apresenta uma diferença estatisticamente significativa quando se compara as evangélicas não brancas com os evangélicos não brancos e brancos e quando se compara as evangélicas brancas com os evangélicos não brancos. Tal resultado merece destaque uma vez que, quando ponderado o efeito da religião pela raça, não foram encontrados resultados estatisticamente significantes. Por outro lado, ao adicionar mais

uma camada (sexo), é possível encontrar outras nuances do efeito da religião sobre o voto em Bolsonaro. Tal tipo de resultado se aproxima daqueles encontrados por Ansolabehere e Hersh (2011), que demonstraram como o efeito condicionado por outras variáveis podem modificar o efeito da variável analisada de forma isolada. Dessa forma, deve-se concluir que, o efeito condicionado da raça (brancos e não brancos) depende da condição de sexo (masculino e feminino) dos eleitores evangélicos.

Figura 6 – Probabilidades previstas de votar em Bolsonaro por religião, sexo e raça



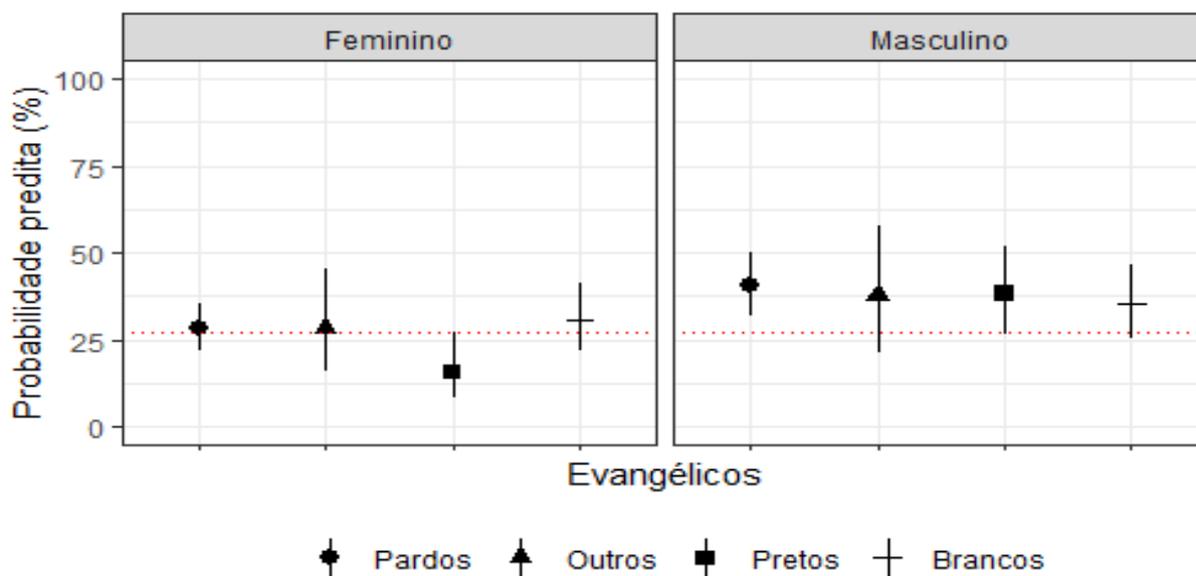
180

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Os resultados acima permitem afirmar que há efeitos heterogêneos da combinação entre religião evangélica, raça e sexo para o voto em Bolsonaro, porém, esse efeito é muito específico. As evangélicas não brancas possuem uma probabilidade prevista de votar em Bolsonaro menor apenas do que os evangélicos não brancos. Por outro lado, não há uma diferença entre uma evangélica não branca e um evangélico branco. Porém, quando se muda a variável de raça pela de cor, observa-se outro resultado.

Desagregando a variável de raça em cores, os resultados do gráfico 7 permitem afirmar que há efeitos heterogêneos da combinação entre religião evangélica, cor e sexo para o voto em Bolsonaro. As evangélicas que se autodeclararam pretas possuem a menor probabilidade de votar em Bolsonaro quando comparamos com os evangélicos pardos, pretos e brancos. Também há uma diferença entre as probabilidades previstas das evangélicas pardas e dos evangélicos pardos, sendo elas as que apresentam menor probabilidade prevista de votar em Bolsonaro. Entre as pessoas do sexo feminino, não há diferença de probabilidade prevista de voto em Bolsonaro quando consideramos as variações de cor. O mesmo pode ser dito para o grupo do sexo masculino. A diferença reside apenas quando comparamos as diferenças cruzadas de sexo e cor para a religião evangélica.

Figura 7 – Probabilidades previstas de votar em Bolsonaro por religião, sexo e cor



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Em suma, pode-se dizer que os resultados encontrados contrariam a hipótese de que a identidade evangélica não apresentaria heterogeneidade em seu efeito sobre o voto em Bolsonaro quando se considera características sociais como sexo, cor e raça. Isso leva a questionar a tese da identidade “fechada” dos evangélicos. Além disso, é importante ressaltar que esses efeitos foram encontrados utilizando variáveis econômicas como controles estatísticos. Ao fazer isso, assegura-se que o efeito dessas características que estão associadas a elementos identitários, possuem algum efeito negativo sobre o voto em Bolsonaro cuja chave explicativa não é a condição econômica dos eleitores.

Portanto, os achados desse trabalho revelam uma dimensão interessante sobre o comportamento eleitoral de evangélicos e evangélicas, destacando a importância de se considerar as “pressões cruzadas” que identidades sociais distintas e extra religiosas podem apresentar sobre o comportamento eleitoral no Brasil. Dessa forma, conclui-se que a identidade evangélica não é hegemônica na produção de homogeneidade eleitoral. Esse estudo abre espaço para novas pesquisas que considerem esses efeitos heterogêneos para analisar variáveis como atitudes políticas, valores e ideologia entre os/as evangélicos/as.

7 Conclusão

As eleições de 2018 no Brasil representaram a vitória do primeiro candidato de extrema direita, saudoso da Ditadura civil-militar no Brasil. Nesse contexto, marcado por uma “guerra cultural” (SMITH, 2019), apologia do cristianismo, escândalos de corrupção, sentimento antipartidários (especialmente direcionados ao PT), polarização afetiva e ideológica, crise econômica, baixa confiança

nas instituições e partidos políticos, a religião evangélica surge como um dos fatores que competem pela explicação do voto em Bolsonaro, algo que não esteve presente em eleições anteriores.

Nesse contexto, variáveis como cor, sexo e religião surgiram como fatores explicativos, levantando o debate sobre possíveis novas clivagens eleitorais e ao processo de ordenação social (*social sorting*), muito comum no contexto dos Estados Unidos. Contribuindo com esse debate, o artigo lançou luz sobre diferentes padrões de comportamento eleitoral dentro da própria identidade evangélica, mostrando a complexidade eleitoral subjacente a esse grupo social. Da mesma forma que a ordenação social é marcada pelo alinhamento de evangélico com Bolsonaro, mas também pela rejeição de mulheres e pessoas não brancas a esse candidato, questionamos qual seria o produto dessas pressões cruzadas sobre o voto, ou seja: evangélicas não brancas teriam menos chance de votar no candidato? Nossa hipótese, rejeitada no estudo, foi que não haveria redução do efeito.

Isso ocorreu em um contexto em que Bolsonaro foi o candidato que mais teceu laços com líderes religiosos católicos e evangélicos. Jogando de forma evasiva com seu próprio pertencimento religioso, o candidato se colocou como o defensor dos “autênticos” interesses dos cristãos, em especial dos evangélicos. Porém, essa aproximação das lideranças religiosas não pode ser interpretada como uma adesão automática dos fiéis à sua candidatura. Os resultados encontrados nesse trabalho revelam que a identidade evangélica não passa por cima de outras identidades dos eleitores. Os achados aqui apresentados subsidiam uma crítica a ideia de que grupos evangélicos são homofílicos e produtores de um padrão de comportamento político, algo que já vem sendo discutido nas áreas de antropologia e sociologia da religião, mas ainda ausente na Ciência Política.

182

Por fim, é importante ressaltar que as variáveis utilizadas como condicionantes do efeito da identidade evangélica nos permitem afirmar apenas indiretamente que questões de identidade de gênero e cor/raça importam para o voto desse grupo. Não é porque uma evangélica se considera uma mulher ou preta, parda ou não branca que essas características se traduziram em comportamento político ou consciência política. Porém, buscou-se controlar por outras variáveis que poderiam ser chaves explicativas para esse fenômeno. Dado a permanência do efeito, o argumento de que essas características produziram efeitos sobre o voto por meio de uma chave identitária sai fortalecido. Com isso, este artigo contribui com o fortalecimento de uma agenda de pesquisas na Ciência Política que busca entender o papel de identidades sociais sobre o comportamento eleitoral. Estudos futuros devem trazer, como questões de pesquisa, reflexões sobre os mecanismos por meio dos quais essas identidades se vinculam ao voto, algo que foi explorado apenas indiretamente no artigo.

8 Referências

ABRAMOWITZ, A. I.; SAUNDERS, K. L. Is polarization a myth?. **The Journal of Politics**, v. 70, n. 2, p. 542-555, 2008.

ANSOLABEHERE, S.; HERSH, E. Gender, race, age, and voting: A research note. In: **APSA 2011 Annual Meeting Paper**. 2011.

ALMEIDA, R. de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p. 185-213, 2019.

AMARAL, O. E. do. The victory of Jair Bolsonaro according to the brazilian electoral study of 2018. **Brazilian Political Science Review**, v. 14, 2020.

BACHI, L. R. G. O processo de identificação da mulher com o discurso político de Jair Bolsonaro no Facebook. **Revista Interdisciplinar em Estudos de Linguagem**, v. 2, n. 2, 2020.

BOAS T.; SMITH A. E. Religion and the Latin American voter. *The Latin American Voter*. 2015, p. 99-121. In: PÉREZ, Orlando J. et al. **The Latin American Voter: Pursuing Representation and Accountability in Challenging Contexts**. 2015.

BOHN, S. R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião pública**, v. 10, p. 288-338, 2004.

BRAMBOR, T.; CLARK, W. R; GOLDBERGER, M. Understanding interaction models: Improving empirical analyses. **Political analysis**, v. 14, n. 1, p. 63-82, 2006.

CAMARGO, C. F. et al. Perfil socioeconômico dos beneficiários do programa Bolsa Família. **IPEA. Programa Bolsa Família: uma década de inclusão e cidadania. Brasília: Governo Federal**, 2013.

CAMPBELL, A. et al. **The american voter**. University of Chicago Press, 1980.

CONOVER, P. J. The influence of group identifications on political perception and evaluation. *The Journal of Politics*, v. 46, n. 3, p. 760-785, 1984.

DEALMEIDA, M. H. T.; GUARNIERI, F. H. The unlikely president. **REVISTA EUROLATINOAMERICANA DE ANÁLISIS SOCIAL Y POLÍTICO**, v. 1, n. 1, p. 139-159, 2020.

DECANIO, S. Religion and nineteenth-century voting behavior: a new look at some old data. **The Journal of Politics**, v. 69, n. 2, p. 339-350, 2007.

DIX, R. H. Cleavage structures and party systems in Latin America. **Comparative politics**, v. 22, n. 1, p. 23-37, 1989.

DJUPE, P. A.; GILBERT, C. P. **The political influence of churches**. Cambridge University Press, 2008.

ESAREY, J.; SUMNER, J. L. Marginal effects in interaction models: Determining and controlling the false positive rate. **Comparative Political Studies**, v. 51, n. 9, p. 1144-1176, 2018.

ESEB 2018 (2018) Survey Eleitoral Brasileiro 2018. Disponível em:
<<http://www.cesop.unicamp.br>> Acessado em 14 de novembro de 2019.

184

FERREIRA, M. G. M.; FUKS, M. O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. **Revista Brasileira de Ciência Política**, 2021.

FIGUEIREDO, M. F. **A decisão do voto-democracia e racionalidade**. Editora UFMG, 2008.

GIMENES, É. R. et al. Partidarismo no Brasil: Análise longitudinal dos condicionantes da identificação partidária (2002-2014). **Revista Debates**, v. 10, n. 2, p. 121-148, 2016.

GUEDES-NETO, J. V. Voto e identificação partidária em 2018: ordenação social na política brasileira. **Opinião Pública**, v. 26, p. 431-451, 2021.

HAINMUELLER, J.; MUMMOLO, J.; XU, Y. How much should we trust estimates from multiplicative interaction models? Simple tools to improve empirical practice. **Political Analysis**, v. 27, n. 2, p. 163-192, 2019.

HOLZHACKER, D. O.; BALBACHEVSKY, E. Classe ideologia e política: uma interpretação dos resultados das eleições de 2002 e 2006. **Opinião Pública**, v. 13, p. 283-306, 2007.

LAYMAN, G. C. Religion and political behavior in the United States: The impact of beliefs, affiliations, and commitment from 1980 to 1994. **Public Opinion Quarterly**, p. 288-316, 1997.

LAYTON, M. L. et al. Demographic polarization and the rise of the far right: Brazil's 2018 presidential election. **Research & Politics**, v. 8, n. 1, p. 2053168021990204, 2021.

LAZARSFELD, P. F.; BERELSON, B.; GAUDET, H. **The people's choice**. Columbia University Press, 1968.

LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil. São Paulo: Alfa. **Omega**, 1975.

LIPSET, S. M.; ROKKAN, S. **Cleavage structures, party systems, and voter alignments: an introduction**. Free Press, 1967.

MAINWARING, S.; TORCAL, M.; SOMMA, N. M. The left and the mobilization of class voting in Latin America. **The Latin American voter: Pursuing representation and accountability in challenging contexts**, p. 69-98, 2015.

185

MATOS, M.; PINHEIRO, M. B. Dilemas do conservadorismo político e do tradicionalismo de gênero no processo eleitoral de 2010: o eleitorado brasileiro e suas percepções. **Mulheres nas eleições**, p. 47-89, 2010.

MCLAUGHLIN, B.; WISE, D. Cueing God: Religious cues and voter support. **Politics and Religion**, v. 7, n. 2, p. 366-394, 2014.

MUTZ, Diana C. **Hearing the other side: Deliberative versus participatory democracy**. Cambridge University Press, 2006.

NICOLAU, J. Determinantes do voto no primeiro turno das eleições presidenciais brasileiras de 2010: uma análise exploratória. **Opinião Pública**, v. 20, p. 311-325, 2014.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA, C.; TURGEON, M. Ideologia e comportamento político no eleitorado brasileiro. **Opinião Pública**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 574-600, 2015.

ORO, A. P. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?. **Debates do NER**, v. 1, n. 1, 1997.

PEIXOTO, V.; RENNÓ, L. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. **Opinião Pública**, v. 17, n. 2, p. 304-332, 2011.

RAYMOND, C. D. Electoral choice and religion: an overview. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**, 2018.

REINA, M. L. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. **Plural**, v. 24, n. 2, p. 253-275, 2017.

RENNÓ, L. R. The Bolsonaro voter: Issue positions and vote choice in the 2018 Brazilian presidential elections. **Latin American Politics and Society**, v. 62, n. 4, p. 1-23, 2020.

ROSAS, N. **As obras sociais da Igreja Universal: uma análise sociológica**. Fino Traço Editora, 2014.

186

SAMUELS, D. J.; ZUCCO, C. **Partisans, antipartisans, and nonpartisans: voting behavior in Brazil**. Cambridge University Press, 2018.

SANTOS, A. M. dos. Identidade negra e neopentecostalismo: o caso Reginaldo Germano. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012.

SANTOS, J. A. F. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, p. 37-60, 2009.

SILVA, V. A. A. **A religião distrai os pobres? Pentecostalismo e voto redistributivo no Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2019.

SINGER, A. Raízes sociais e ideológicas do lulismo. **Novos estudos CEBRAP**, p. 83-102, 2009.

SMITH, A. E. **Religion and Brazilian democracy: mobilizing the people of God**. Cambridge University Press, 2019.

SOARES, G. A. D. The Brazilian political system: New parties and old cleavages. **Luso-Brazilian Review**, p. 39-66, 1982.

SOARES, G. A. D.; SILVA, N. do V. Urbanization, race, and class in Brazilian politics. **Latin American Research Review**, p. 155-176, 1987.

TORCAL, M.; MAINWARING, S. The Political Re-crafting of Social Bases of Party Competition: The Case of Chile 1973-1995. **British Journal of Political Science**, v. 33, n. 1, p. 55-84, 2003.

VALENZUELA, A. A.; MICHELSON, M. R. Turnout, status, and identity: Mobilizing Latinos to vote with group appeals. **American Political Science Review**, v. 110, n. 4, p. 615-630, 2016.

WILCOX, C.; SIGELMAN, L. Political mobilization in the pews: Religious contacting and electoral turnout. **Social Science Quarterly**, v. 82, n. 3, p. 524-535, 2001.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à econometria: uma abordagem moderna**. Pioneira Thomson Learning, 2006.

ZINGHER, J. N. How Social Group Memberships Interact to Shape Partisanship, Policy Orientations, and Vote Choice. **Political Behavior**, p. 1-19, 2021.

187

ZUCCO JR, C. Esquerda, direita e governo. In: **O Congresso por ele mesmo: autopercepções da classe política brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

Anexo

Formalização dos modelos de regressão

Modelo 1

$$Voto_i = \beta_0 + \beta_1 IR_i + \beta_2 Covariáveis_i$$

Modelo 2

$$Voto_i = \beta_0 + \beta_1 IR_i + \beta_2 IR_i \cdot sexo_i + \beta_3 sexo_i + \beta_4 Covariáveis_i$$

Modelo 3

$$Voto_i = \beta_0 + \beta_1 IR_i + \beta_2 IR_i \cdot cor/raça_i + \beta_3 cor/raça_i + \beta_4 Covariáveis_i$$

Modelo 4

$$Voto_i = \beta_0 + \beta_1 IR_i + \beta_2 sexo_i + \beta_3 cor/raça + \beta_4 IR_i \cdot sexo_i \cdot cor/raça_i + \beta_5 IR \cdot sexo_i + \beta_6 IR \cdot cor/raça_i + \beta_7 sexo \cdot cor/raça_i + \beta_8 Covariáveis_i$$

Fonte: Elaborado pelo autor.

188

Tabela 1 – Religião, cor e sexo como preditores do voto em Bolsonaro

Variáveis	Coef. (β)	SE	p-valor	C.I. sup.	C.I. inf.
(Intercept)	-1.99	0.25	0.00	-1.50	-2.48
Ateu e Agnóstico	-0.62	0.39	0.11	0.15	-1.40
Evangélicos	0.49	0.10	0.00	0.69	0.30
Não tem Religião	-0.26	0.17	0.13	0.08	-0.60
Outras Religiões	-0.35	0.19	0.06	0.02	-0.71
Outros Cores	-0.12	0.18	0.49	0.23	-0.47
Pardos	-0.04	0.11	0.68	0.16	-0.25
Pretos	-0.43	0.15	0.00	-0.14	-0.72
Sexo (Masculino)	0.53	0.09	0.00	0.70	0.36
Escolaridade	0.07	0.02	0.00	0.11	0.03
Idade	0.01	0.00	0.05	0.01	0.00

Variáveis	Coef. (β)	SE	p-valor	C.I. sup.	C.I. inf.
Centro Oeste	0.63	0.18	0.00	0.98	0.28
Norte	0.94	0.18	0.00	1.28	0.60
Sudeste	0.44	0.12	0.00	0.67	0.21
Sul	0.57	0.15	0.00	0.87	0.28

Observações: 2.485
 Nagelkerk's R^2 : 0,054
 RMSE: 0,459
 AIC: 3060,287

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

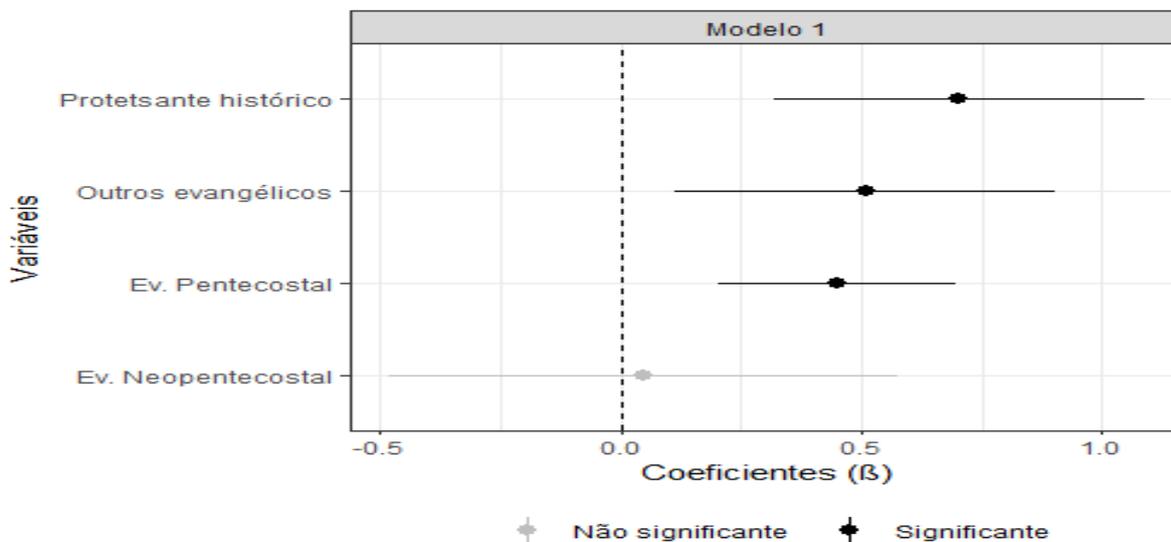
Tabela 2 – Religião, raça e sexo como preditores do voto em Bolsonaro

Variáveis	Coef. (β)	SE	p-valor	C.I. sup.	C.I. inf.
(Intercept)	-2.15	0.23	0.00	-1.70	-2.59
Ateu e Agnóstico	-0.63	0.39	0.11	0.14	-1.41
Evangélicos	0.49	0.10	0.00	0.68	0.29
Não tem Religião	-0.27	0.17	0.12	0.07	-0.61
Outras Religiões	-0.37	0.19	0.05	-0.01	-0.74
Raça (não brancos)	0.13	0.10	0.18	0.33	-0.06
Sexo (Masculino)	0.52	0.09	0.00	0.69	0.35
Escolaridade	0.08	0.02	0.00	0.12	0.04
Idade	0.01	0.00	0.04	0.01	0.00
Centro Oeste	0.62	0.18	0.00	0.97	0.27
Norte	0.96	0.17	0.00	1.30	0.62
Sudeste	0.43	0.12	0.00	0.66	0.20
Sul	0.56	0.15	0.00	0.86	0.27

Observações: 2.485
 Nagelkerk's R^2 : 0,051
 RMSE: 0,460
 AIC: 3064,276

Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Figura 8 – Estimando o efeito das denominações evangélicas sobre o voto em Bolsonaro



Notas: Optei por apresentar apenas os coeficientes das denominações religiosas. O modelo utiliza como controles estatísticos as mesmas variáveis dos demais modelos, que são: sexo, escolaridade, idade, região e faixa de renda.

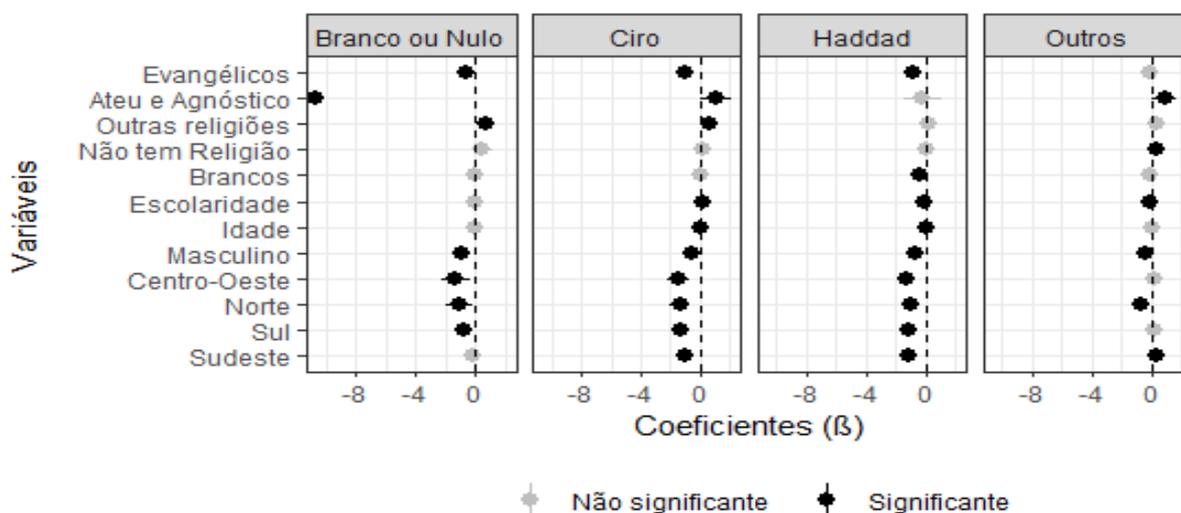
Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Modelo de regressão multinomial

190

Esse modelo serve como teste de robustez para comparar com o modelo binomial. As categorias da variável dependente são: Bolsonaro (categoria de referência); Haddad; Ciro; BR/NL (brancos e nulos) e; Outros candidatos. Optei por selecionar as categorias que mais apresentavam casos. O gráfico abaixo traz informações apenas sobre variáveis que foram estatisticamente significantes.

Figura 9 – Efeito de religião, sexo e cor sobre o voto em Bolsonaro (multinomial)



Fonte: Elaborado pelo autor, com dados do ESEB (2018).

Religion, Gender, and Color/Race: nuances of the Effect of Evangelical Identity on the Vote for Bolsonaro in 2018

ABSTRACT: The aim of this article is to examine the interaction between religion, gender, and color/race in a model that investigates voting behavior for Bolsonaro. The objective is to comprehend what happens to the effect of evangelical identity when considering other social characteristics of the voter, which have been identified as variables negatively associated with voting for Bolsonaro. Utilizing data from the 2018 ESEB, the selection of these variables was guided both by the literature on heterogeneous effects and by the electoral context of 2018. The results of the study, obtained through binomial logistic regressions (glm), reject the hypothesis that evangelical identity shields the adherent from influences stemming from other social sources, such as gender and race. It is concluded that among black evangelicals, there was the lowest probability of voting for Bolsonaro in 2018. Since the models control for the effect of economic variables, one of the explanations for the indicated result is that mechanisms related to the color and gender (gender identity and race) of the adherents mitigate the vote for that candidate.

KEYWORDS: Religion; Vote; Identity.

Religión, Género y Color/Raza: matices del Efecto de la Identidad Evangélica en el Voto por Bolsonaro en 2018

191

RESUMEN: El objetivo de este artículo es examinar la interacción entre religión, género y color/raza en un modelo que investiga el comportamiento de voto para Bolsonaro. El objetivo es comprender qué sucede con el efecto de la identidad evangélica cuando se consideran otras características sociales del votante, que han sido identificadas como variables asociadas negativamente con el voto por Bolsonaro. Utilizando datos del ESEB 2018, la selección de estas variables fue guiada tanto por la literatura sobre efectos heterogéneos como por el contexto electoral de 2018. Los resultados del estudio, obtenidos a través de regresiones logísticas binomiales (glm), rechazan la hipótesis de que la identidad evangélica protege al adherente de influencias provenientes de otras fuentes sociales, como el género y la raza. Se concluye que entre los evangélicos negros, hubo la probabilidad más baja de votar por Bolsonaro en 2018. Dado que los modelos controlan el efecto de variables económicas, una de las explicaciones para el resultado indicado es que hay mecanismos relacionados con el color y el género (identidad de género y raza) de los adherentes que mitigan el voto por ese candidato.

PALABRAS CLAVE: Religión; Voto; Identidad.